

reportório para um teatro popular

O QUARTO

COSTA FERREIRA



Colecção: «OS HIPOPÓTAMOS»

Capa (sobre uma fotografia do primeiro espectáculo d'«Os Hipopótamos») e orientação gráfica de
ANTÓNIO NELSON

Edição dos Serv. Sociais dos Trabalhadores da C. G. D.
— Secção Cultural —

Composto e impresso em Outubro de 1974
na Tipografia

GARCIA & CARVALHO, LDA.

Rua Santo António da Glória, 90 — Lisboa

reportório para um teatro popular

O QUARTO

COSTA FERREIRA

U460701596



PERSONAGENS

ELA	22 anos
ELE	22 anos
A MÃE d'ELA	40 anos
A MÃE d'ELE	40 anos
O PAI d'ELA	45 anos
O PAI d'ELE	45 anos
O MAGISTRADO	50 anos
O ASSESSOR	30 anos
VOZ DE HOMEM	
VOZ DE MULHER	
1. ^a BAILARINA	
2. ^a BAILARINA	
1. ^o BAILARINO	
2. ^o BAILARINO	

O dispositivo cénico deve contar com um estrado central pouco alto que pelas dimensões, pela iluminação e talvez por quatro pequenos postes que estão nos quatro cantos, deve sugerir um «ring» de luta livre. No canto superior direito e no canto inferior esquerdo duas cadeiras muito simples, ao centro uma cama sobre a qual incidirá uma luz forte quando as personagens mimarem o dar volta a um interruptor, que se supõe existir na parede do fundo. À direita e à esquerda dois estrados um pouco mais altos, sobre os quais pelos mesmos processos simples se devem sugerir duas salas. A da esquerda é a confortável sala de estar duma família burguesa: poltronas, aparelho de televisão cuja imagem só será sugerida pela luz, secretária, etc. A da direita tem apenas uma velha poltrona de cabedal com um pé partido substituído por um pequeno caixote, uma mesa de pé de galo com um baralho de cartas e o

retrato do Pai d'Ele. Estes três estrados pelas proporções e iluminação, devem estar completamente isolados uns dos outros. Ao fundo por trás do estrado central, um estrado muito alto que ultrapasse em altura pelo menos trinta centímetros a personagem mais alta que actuar no estrado central. Sobre o estrado do fundo enorme mesa com cadeirão virado para o público e que ocupa o centro da cena, nos extremos direito e esquerdo da mesa pequenos tamboretos. O acesso ao estrado do fundo faz-se por duas escadas à esquerda e à direita que se perdem nos bastidores por trás dos estrados laterais. O acesso para os estrados laterais far-se-á sempre pelo fundo. O acesso ao estrado central far-se-á por onde oportunamente for indicado.

PRIMEIRA PARTE

O pano sobe lentamente ao som duma marcha guerreira. Estão todas as personagens em cena e as luzes todas acesas. Ela e Ele no primeiro plano respectivamente diante dos estrados da esquerda e da direita, ambos envergam gabardines iguais de golas levantadas e calças justas pretas. Estão em cabelo de mãos nos bolsos virados para a frente. No estrado da esquerda, a Mãe d'Ela na poltrona vê a televisão, o Pai à secretária escreve num grande livro de contabilidade. No estrado da direita, a Mãe d'Ele despenteada e embrulhada num xaile deita cartas. No estrado do fundo o Magistrado assina sem ler papéis que ininterruptamente o assessor lhe vai dando até onde for indicado. Caído de bruços no chão no primeiro plano ao centro o Pai d'Ele. Só o estrado central está vazio.

Quando o pano acaba de subir cessa a marcha e as personagens que já têm mímica

indicada animam-se. Uma voz de homem que deve soar atrás dos espectadores começa a ouvir-se.

VOZ

Aqui têm o esquema, no qual vamos assistir ao grande combate de luta livre, que um homem e uma mulher vão travar dentro de todas as suas prisões. Os esquemas são necessários não só para ajudar a memória moderna sobrecarregada de estatísticas, de números e de portas fechadas, como para acordar a imaginação entorpecida pela publicidade dos sabonetes e dos frigoríficos. Além disso com este esquema pretendemos dar uma ideia das regras do jogo que se vai jogar aqui. O jogo com o mistério do seu desenlace, a sedução das suas apostas e a utilíssima ginástica da sua competição, é uma das mais nobres preocupações do homem actual e um dos mais seguros penhores da paz social. Por isso para ele apelamos ao pretender desencadear paixões que neste momento ainda não podemos saber onde nos vão levar.

Resta-nos apresentar os lutadores desta noite.

ELE! (*ELE dá um passo em frente*) 75 quilos de peso e duas toneladas de esperanças mortas. Um autêntico tigre de violência e desespero, treinado durante vinte anos por

aquela senhora histérica que deita cartas e por aquele senhor que digere álcool deitado na santa humildade da terra mãe. É um combatente que não admite tréguas, nem nunca aceitará compromissos.

ELA! (*ELA dá um passo em frente*) 50 quilos de peso e quatro toneladas de revolta. Tem a convicção de que se há-de fazer justiça e por essa justiça está disposta a lutar até morrer. Foi treinada por aquela senhora que vê televisão, que vê montras, que vê fitas de cinema e contrata criadas, e por aquele senhor que faz contas certas quando está em casa e erradas quando negoceia na rua.

O combate será julgado por aquele magistrado que faz uma média de sessenta assinaturas por minuto, sempre iguais, tendo elevado assim o nível mundial da mecanização humana até roçar de perto a pureza, a segurança metálica e a utilidade social duma máquina. Por consequência ele representará a garantia matemática da única verdade a que um bom cidadão tem o direito de aspirar.

O PAI d'ELE

(*Levantando-se num grito*)

Não!... Eu não quero que o combate comece, não quero!... (*Pausa. Num sorriso*) Mesmo bêbado, não quero... Não querer é

sempre mais fácil do que querer... Eu sei muito bem porque já em tempos quis (*Junto d'ELE num berro*) Quis ouviste?! Quis a valer... Quis com o sangue... (*Quebrado*) O mesmo sangue que hoje precisa tanto de álcool para aquecer. (*ELE continua impassível*) Eu sei que tu não me ouves, que já há muito tempo deixaste de me ouvir, mas sou o teu pai e preciso de falar para me ouvir a mim próprio. Falo pelo mesmo motivo por que canto de noite num cais solitário depois de ter bebido bem, a única cantiga que me fica na memória quando já esqueci tudo o mais. Uma cantiga inútil como a lua numa cidade iluminada. Falo para mim apenas (*a chorar*) É mentira! É mentira! É para ti que eu falo. Eu sou teu pai e tenho medo da tua luta, não quero ver-te lutar... É um engano, nós nunca conseguimos possuir nada neste mundo, nunca... E matamo-nos nessa ânsia, e de repente, uma manhã somos dois cadáveres abraçados... dois cadáveres que cheiram mal mas que ainda odeiam (*Sarcástico*) E a vida arma-nos a câmara ardente com coroas de esperanças mortas e palmas de combates inúteis... (*Apontando a plateia*) Olha aquele que tem o emprego que tu desejava... Olha aquela mulher que é da idade da tua e parece filha dela... Olha o automóvel do Silva, a glória do Pereira e o prédio novo do Monteiro.

E sobe a tua escada suja e encontra todos os dias a mesma cara amarela e magra, que hoje desistiu de se pintar, que amanhã vai aparecer emoldurada de cabelos soltos mas ainda com um olhar que brilha numa esperança... Até que um dia, de repente, como uma pedra que se esboroa numa parede sem dono, esse brilho apaga-se... a voz é diferente, grave, não soa, as mãos vermelhas e inchadas deixam de se abraçar na nossa nuca... Tudo é passivo, frio e morto como um dever que um homem sem amor escreveu num livro qualquer para os outros cumprirem. (*Escondendo a cara nas mãos num grito*): O dever! Essa coisa horrível que se crava como um punhal, que dói sempre mais quando a gente quer descansar... (*Descobrimdo o rosto, pendurando-se dum ombro d'ELE*) Não queiras... Não queiras... Depois só fica a rua e o vento frio, este calor de dentro com campainhas que se bebe até que o punhal caia... (*Levou as mãos às fontes numa pausa. Depois rindo*) E os inimigos assinem o tratado de paz... Abrem-se então as portas das prisões, o nosso Auchwitz privativo transbordando de ossos articulados que vêm para o sol catar piolhos... A ambição que já não é... A inveja que já não sabe querer... Um amor de vísceras, frio como a fome, que pede apenas um calor qualquer, seco e duro, como um pão velho e um nevoeiro

de fogo que arde como o sol do Sahará e é preto como Londres... (*Numa transição*) Eu sou culto nunca te esqueças disso... Sei que o Sahará é um deserto e que um poeta falou em Londres de misérias... Fui aprovado em vários exames, e até por causa disso, os meus pais uma vez deram um jantar de festa e ofereceram-me o meu primeiro cigarro legal e a chave da porta. (*Rindo*) Eu era a promessa, prometia tudo: Um pássaro, a lua e as minas da Pérsia... Depois um dia... Ah mas tu já sabes isto, eu já te contei... Um dia disseram-me que eu pertencia à «geração do sacrifício»... E pronto tudo ficou explicado... Eu nunca mais fiz perguntas... Num instante fiquei a saber todas as respostas, e deixei o meu diploma glorioso de promessas muito bem encaixilhado, pendurado na parede ao lado do retrato da minha sogra. Comecei a ensinar-te a fazer contas (*aos berros*) A ti burro!... Que nunca aprendeste a achar o x quando $A + B$ é igual a Bx . Tu! Tu! (*Com ódio*) Tu que tornaste o sacrifício, o grande sacrifício inútil e escreveste poemas nas paredes do saguão. Teimoso como um bicho nunca acreditaste em mim. (*Numa fúria crescente*) E foste crescendo com os anos como se valesse a pena e leste livros, choraste e riste a ouvir sinfonias, correste ao ar livre como se tiveses algum sítio para onde ir, disseste sim e

não, tiveste uma doutrina... Imbecil... Chegaste a ter convicções, convicções que me atiraste à cara como se não tivesses obrigação de me respeitar, de acreditar em mim, de descobrires o valor de x quando $A + B$ é igual a Bx (*Batendo-lhe*) Burro! Burro! Malandro! Anarquista! (*A chorar abraçando-o de repente*) Perdoa-me! Perdoa-me!... Não queiras mal ao teu pai... Olha ao menos para mim uma vez, mesmo que seja com ódio, mesmo que seja com aquele olhar de faca com que naquela noite em que eu batia na tua mãe tu vieste ao meu quarto morder-me as mãos (*Escorregando para o chão abraçado ao filho*) Tem dó de mim e não me obrigues a ver o teu combate, a tornar a ver o que já vi... Ou então faz uma guerra, uma grande guerra para ninguém reparar que os cotovelos do meu casaco estão rotos... E se não quiseses nada disto, dá-me uma esmola para eu beber, para que as campainhas toquem e eu não ouça o teu combate, não torne a ver o que já vi (*Fica caído no chão aos pés d'ELE. Ouve-se uma grande pancada num gong*).

VOZ DE HOMEM

Primeiro assalto!

(*ELE encaminha-se para o ângulo superior direito do estrado central e ELA para o ân-*

gulo inferior esquerdo. Ambos em movimentos cadenciados e lentos)

VOZ DE MULHER

Comprem sabonetes Valrosa. Valrosa! O sabonete que faz o homem feliz.

(Segunda pancada do gong. Escuridão em toda a cena à excepção do estrado central. ELE e ELA entram no estrado ao mesmo tempo pelos pontos indicados, despem as gabardines que pousam nas cadeiras dos dois ângulos. ELE mima dar volta ao interruptor que não existe; uma luz intensa cai sobre a cama. Fitam-se imóveis e em silêncio)

ELA

(Baixo)

Parece-me que as dúvidas vão acabar... Aqui estamos sem reservas, nem cálculos, sem te pedir nada, nem esperar nada... simplesmente, naturalmente.

ELE

Simplesmente é sem palavras... E tu falaste, naturalmente é com braços que prendem e tu estás imóvel.

ELA

A dúvida continua?!

ELE

(Num estranho sorriso)

A dúvida nasce de cada certeza.

(Vem sentar-se aos pés da cama. Instantes depois ELA imita-o e ficam sentados lado a lado de frente para o público)

ELA

(Depois da pausa)

Que muralhas será preciso deitar ainda abaixo?

ELE

(Num sorriso duro)

Tu não gostas de ver ruínas.

ELA

(Deixando cair a cabeça no ombro d'ELE)

Eu queria ser feliz.

ELE

Mais um luxo burguês... Não há tempo para ser feliz, quando se existe como uma